

## **ENTRE BANHOS, FESTEJOS E REMOS**

Experiências fluviais de lazer em Corumbá (final do século XIX e início do século XX)

## **BETWEEN BATHS, FESTIVITIES AND OARS**

River leisure experiences in Corumbá (late 19th and early 20th centuries)

*LEONARDO DO COUTO GOMES<sup>1</sup>*

*LETICIA CRISTINA LIMA MORAES<sup>2</sup>*

*DIVINO MARCOS DE SENA<sup>3</sup>*

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo discutir as experiências fluviais de divertimento promovidas em Corumbá nas décadas finais do século XIX e no início do século XX. O recorte temporal abrange um período caracterizado pelo surgimento de artefatos, dinâmicas e debates sociais sobre as práticas recreativas fluviais na cidade. Para alcançar esse objetivo, foram utilizados como fontes os jornais corumbaenses publicados no período investigado. Os banhos nus, as festividades religiosas de São João e as regatas destacaram-se como atividades fluviais de entretenimento dos corumbaenses. Conclui-se que as práticas fluviais de diversão em Corumbá são indicadores que refletem as mudanças econômicas, sociais e culturais almejadas para o desenvolvimento da infraestrutura da cidade e para a transformação dos costumes de sua população.

**Palavras-chave:** História do Lazer. História das Cidades. Corumbá.

### **ABSTRACT**

This article aims to discuss the fluvial entertainment experiences promoted in Corumbá during the final decades of the XIX century and the early XX century. The selected timeframe encompasses a period marked by the emergence of

---

<sup>1</sup> Professor do curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus do Pantanal. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [leonardo.couto@ufms.br](mailto:leonardo.couto@ufms.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: [lets Moraes96@gmail.com](mailto:lets Moraes96@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal. Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: [divino.sena@ufms.br](mailto:divino.sena@ufms.br)

artifacts, dynamics, and social debates regarding the city's recreational fluvial practices. To achieve this objective, Corumbá's newspapers published during the investigated period were used as primary sources. Nude bathing, the religious festivities of Saint John, and regattas stood out as prominent forms of fluvial entertainment for the local population. It is concluded that fluvial leisure practices in Corumbá serve as indicators reflecting the economic, social, and cultural changes envisioned for the city's infrastructural development and the transformation of its population's customs.

**Keywords:** History of Leisure. Urban History. Corumbá.

## INTRODUÇÃO

Situada às margens do rio Paraguai, Corumbá — então pertencente à província de Mato Grosso — desempenhou um papel estratégico durante a Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança (1864–1870). Segundo Souza (2001, 2004), o conflito armado exerceu impacto direto nas transformações econômicas, culturais e urbanas da localidade, que foi ocupada pelo exército paraguaio em 1865.

Corumbá foi retomada pelas forças armadas brasileiras em 1867, mas sua reocupação por antigos moradores e novos migrantes intensificou-se sobretudo a partir de 1869. Segundo Romero (2018), esse cenário exigiu o fortalecimento da infraestrutura bélica na região. Nesse contexto, o conflito também ampliou a presença militar e impulsionou transformações econômicas e urbanísticas, contribuindo para o desenvolvimento da infraestrutura local.

No período pós-guerra, Ruckert e Sena (2021) afirmam que, com a reabertura da navegação, Corumbá se consolidou como o porto fluvial mais relevante da fronteira oeste do Brasil, integrando-se ao circuito de navegação da Bacia Platina e desempenhando um papel estratégico no desenvolvimento econômico e social de Mato Grosso. Segundo os autores, essa posição privilegiada deveu-se ao fato de a cidade ter se tornado o ponto final da navegação internacional a vapor pelo rio Paraguai. Graças à sua localização estratégica em relação às rotas fluviais, Corumbá tornou-se um elo fundamental nas conexões comerciais, viabilizando o transporte de mercadorias entre as regiões platinas e o mercado mundial.

Nessa atmosfera de consolidação como um empório comercial, Sena (2015) observa que Corumbá passou a planejar diversas transformações em sua malha urbana. A efetivação da câmara municipal, em 1872, tornou-se um pilar estruturante para a emergência de pautas relacionadas a discursos progressistas<sup>4</sup>. A busca por elementos característicos do meio urbano — como embelezamento, saneamento, higiene, diversidade comercial e espaços de lazer — passou a ser frequentemente debatida pelos vereadores. Além disso, surgiram discussões sobre a necessidade de remodelar certos hábitos, de modo a adaptá-los à vida na cena urbana em formação. Vale destacar que os incentivos fiscais do Governo Imperial para atividades comerciais voltadas à importação de diversos artigos também contribuíram para intensificar a ocupação local (PEREIRA, 2007). É nesse contexto que Corumbá recebe, em 1878, o título de cidade.

Além da economia mercantil e das questões militares, a vida social e cultural de Corumbá, nas últimas décadas do século XIX, também foi profundamente influenciada por sua geografia fluvial. A população, que se apropriou de saberes de grupos indígenas historicamente presente no Pantanal, desenvolveu uma relação estreita com as águas do rio Paraguai, seja por meio do comércio, da pesca ou de práticas de lazer — tema ao qual o presente artigo se dedicará.

Considerando que as diversões fluviais podem refletir os contextos que marcaram a conformação da sociedade corumbaense, este artigo tem como objetivo discutir as experiências de divertimento fluvial promovidas em Corumbá nas décadas finais do século XIX e no início do século XX. O recorte temporal contempla um período caracterizado pelo surgimento de artefatos, dinâmicas e debates sociais sobre as práticas recreativas fluviais na cidade.

Para alcançar o objetivo proposto, foram utilizados como fontes<sup>5</sup> os periódicos publicados em Corumbá durante o período investigado. Além da

---

<sup>4</sup> Souza (2008) considera que a noção de progresso e de pensamento progressista na Corumbá oitocentista estavam intimamente relacionados à sujeição das forças da natureza pelo homem. De modo geral, tudo aquilo associado à industrialização, à incorporação de maquinário, à ampliação dos meios de transporte e comunicação e circulação de capital era vinculado a essa noção.

<sup>5</sup> As imagens utilizadas ao longo do texto foram empregadas como ilustrações que contribuem para a caracterização do contexto e dos debates prospectados.

escassez de outros documentos sobre as experiências fluviais de divertimento, os jornais oferecem férteis possibilidades para compreender a repercussão pública das dinâmicas sociais de divertimento da cidade, uma vez que a imprensa já se configurava, à época, como um importante fórum de debates na época (PINTO, 2014, 2017).

Um dos jornais utilizados foi O Iniciador, a primeira folha periódica da cidade, que circulou entre 1877 e 1886. Vinculado a grupos de comerciantes — mais especificamente sob a direção de Antônio Joaquim Rocha —, o periódico apresentava publicações ecléticas, abordando desde questões econômicas (especialmente do ligadas ao comércio fluvial), até temas religiosos, sociais, culturais, políticos e, inclusive, os momentos de lazer da população.

Já o Correio do Estado foi publicado entre 1909 e 1912. Sob propriedade de Francisco Castello Branco, o periódico afirmava que seu principal ideal era a busca pelo progresso de Corumbá (CORREIO DO ESTADO, 12 DE MAI., 1909, p.1). Questões relacionadas à arte, educação, moralidade e literatura eram frequentemente abordadas, além de notas políticas e econômicas, que expressavam características de diferentes segmentos partidários.

Compreende-se que lançar considerações sobre a história da cidade de Corumbá, por meio de um indicador de urbanização como os passatempos públicos, representa uma possibilidade fértil para a construção de novos olhares sobre o papel desempenhado por ações aparentemente fortuitas da vida cotidiana, mas que estão intrinsecamente ligadas à conformação da sociedade moderna. Trata-se, portanto, de contribuir para o campo da história da cidade, em articulação com o da história da diversão — áreas de investigação que, segundo Dias (2017, 2020), têm se voltado hegemonicamente aos grandes centros urbanos, negligenciando as particularidades de regiões consideradas menos industrializadas.

Nesse sentido, a seguir será abordado como as atividades fluviais de divertimento se conformaram na cidade de Corumbá.

## **1. DIVERTINDO-SE NAS ÁGUAS DO RIO PARAGUAI**

Corumbá não era, de fato, uma metrópole, mas já apresentava elementos comuns da vida urbana. Nas décadas finais do século XIX, sua economia girava predominantemente em torno do setor comercial, com destaque para o comércio de exportação e importação, cujo principal centro de articulação era o porto da cidade (SOUZA, 2008). O comércio interno voltado ao restante da província de Mato Grosso também constituía uma fonte rentável para a economia local (ROMERO, 2018). Paralelamente, o setor de serviços consolidava-se em estreita ligação com os empórios comerciais, sendo representado, principalmente, por escritórios de advocacia, contabilidade, consultórios médicos, alfaiatarias e lavanderias. Todavia, segundo Corrêa (1980), não havia, até então, indícios concretos de industrialização.

Para Sena e Nogueira (2015), o fluxo de mercadorias trouxe prosperidade e impulsionou o crescimento urbano, atraindo comerciantes, aventureiros e imigrantes de diversas partes do mundo. Nesse contexto, o porto — em articulação com as atividades de comércio, exportação e importação — configurava-se como o elemento central da economia local, em uma cidade que contava com 8.414 habitantes em 1890 (DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA, 1898).

Corrêa, Corrêa e Alves (1985) apontam que, nos primeiros anos de municipalidade, Corumbá já dispunha de jornal, cadeia, hospital, intendência municipal, padarias, açougues, alfaiatarias e casas comerciais voltadas à exportação e importação, as quais impulsionavam o mercado financeiro. Espaços de entretenimento também integravam os empreendimentos comerciais, entre eles tavernas e casas de bilhar. Para além das estruturas fixas da cidade, formava-se ainda um mercado de entretenimento itinerante, composto por espaços e momentos de diversão variados, como os circos (GOMES; MELO; LOPES, 2025).

Apesar de certos delineados urbanos e desejos cosmopolitas, as observações de Souza (2004, 2008) indicam que havia intensos debates públicos sobre a necessidade de melhorias na infraestrutura. A escassez de ruas planejadas, a ausência de água encanada e luz elétrica, a vegetação excessiva, a criação de animais em espaços públicos e o sistema de transporte ainda

rudimentar — baseado no uso de muare —, somados aos recorrentes surtos epidêmicos, revelavam que Corumbá passava por transformações que exigiam intervenções para a qualificação do espaço urbano.

Dessa forma, observava-se uma relativa concomitância entre o desenvolvimento econômico comercial e a formação do espaço citadino. É possível considerar que esse contexto possibilitou um processo de adaptação e hibridismo de experiências e representações, que influenciou diretamente as dinâmicas e os ajustes necessários aos modos de vida cotidiano dos habitantes de Corumbá.

Os anseios por melhorias infraestruturais e comportamentais da cidade e de sua população estava intimamente relacionados à ascensão de uma emergente elite comercial e política. De toda forma, é preciso considerar que as mais distintas camadas sociais e econômicas frequentavam as ruas de Corumbá, e que os avanços pensados para a cidade, ainda que não constituíssem uma aspiração comum a todos, resultariam em transformações para a vida de toda a população.

Nessa ambiência, certos comportamentos públicos passavam a ser debatidos e fiscalizados, especialmente aqueles que eram julgados como não condizentes com o espaço urbano e civilizado que se almejava construir. Códigos municipais e mecanismos de controle foram reforçados para punir condutas consideradas não civilizadas, abrangendo costumes relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas, à vadiagem, à baderna e à brutalidade.

De acordo com Souza (2008), os comportamentos que fossem capazes de depreciar a moral e os bons costumes deveriam ser banidos das ruas de Corumbá. Os habitantes que não adotassem tais normas educacionais eram considerados descorteses, sendo vistos como indivíduos cujos gestos destoavam das expectativas de urbanidade promovidas por uma cidade que buscava o progresso.

Os divertimentos públicos constituíam uma das experiências sociais submetidas a esses anseios progressistas. Conforme Sena (2015), práticas de entretenimento como batuques realizados até altas horas da noite, a frequência em tavernas, a participação em jogos de azar e o consumo de bebidas nesses

espaços, passaram a ser debatidas como práticas imorais pela imprensa e pelas autoridades locais.

Os jornais, nesse contexto, foram um dos instrumentos recorrentemente acionados em Corumbá para denunciar e repreender determinadas dinâmicas de recreação consideradas inadequadas.

Esse mal, que tanto nos preocupa a nós pobre mãis, que vemos estremecidas sujeitos a sua funesta influencia nossos querido filhos, por cujo futuro trememos, é o jogo; o jogo, vicio, funesto, o peor de todos os vicios, que por este mesmo jornal ja tem sido justamente condemnado. O jogo é a voragem do vicio que arrasta ao tenebroso abysmo da perdição o infeliz que a immoderada ambição á elle conduz (O INICIADOR. 12 DE FEV. 1880, p. 3).

Segundo Gomes (2023), a crítica aos jogos de azar — aqueles cuja principal característica era a dependência da sorte — é um tema recorrente na imprensa oitocentista em diversas cidades brasileira, sendo frequentemente associada à degradação social. Essas dinâmicas, especialmente os jogos de cartas e dados, eram amplamente praticadas e frequentemente criticadas por setores da sociedade que viam nelas uma ameaça à moral e à estabilidade familiar. Em Corumbá, o tom alarmista do redator anônimo e a ênfase na pauta da “destruição familiar” indicam uma tentativa de moldar a opinião pública contra essas práticas. Além disso, evidenciam como os periódicos desempenhavam um papel central na disseminação de discussões públicas, chegando a influenciar a definição do que era considerado como adequado para a sociedade. De acordo com Sevcenko (1998), ao longo do século XIX, os jornais assumiram um papel ativo na fiscalização dos costumes e na cobrança por ações do poder público.

Lavar roupas e banhar-se nu nas águas do rio Paraguai, especialmente na região do Porto Geral — mais precisamente nas proximidades da Rua do Comércio (atual Manoel Cavassa), onde se concentravam diversas casas comerciais e que era frequentada por viajantes e figuras da economia local — foram atividades que também suscitaram debates públicos quanto ao seu caráter indecoroso. O jornal o Iniciador assim noticiou:

Mais uma vez chamamos a atenção da autoridade para os

escandalos q' se dão quotidianamente no porto desta cidade, certo de que o digno zeloso actual Delegado de Policia tratará de cohibir os energeticamente. Não obstante, á reclamação nossa, haver sido prohibido banharem-se nus em frente ás casas do porto onde habitam familias, o escandalo continúa em menoscabo da moral, como continúa o abuso, prejudicial á saúde pública de lavar-se roupa na margem do rio acima dos pontos onde enchem os pipas os aguadeiros que abastecem a população desta cidade (O INICIADOR. 2 DE ABR. 1882, p. 2).

O trecho evidencia uma associação entre higiene, saúde e moralidade, algo comum nas discussões sanitárias do século XIX (CHALHOUB, 2006). A exposição do corpo nu era vista como imoral, ao passo que a contaminação da água representava uma ameaça concreta à saúde pública. Observa-se, assim, um esforço conjunto das autoridades e da imprensa para regulamentar comportamentos fluviais tidos como rudes, tais como o banho nu e a lavagem de roupas no porto da cidade. As expressões “escândalos” e “prejudicial a saúde”, bem como a ênfase na necessidade de repressão descritas na fonte, configuram tentativas explícitas de impor normas de decoro público, especialmente em locais frequentados por famílias.

Em 1897, Corumbá inaugurou seus primeiros reservatórios de água, constituídos por um sistema hidráulico de captação e canalização do rio Paraguai. Até então, o transporte do líquido era realizado por trabalhadores conhecidos como aguateiros, que retiravam a água diretamente do rio para comercializá-la nas ruas da cidade. Esse processo, caracterizado por condições insalubres, revela marcas do processo de civilização dos costumes e da urbanização local.

O contato da água com roupas sujas era percebido como uma ameaça ao consumo seguro e, quando realizado em espaços de uso público, passava a ser associado à imoralidade. Embora a lavagem de roupas não seja diretamente um divertimento, era comum que os filhos das lavadeiras acompanhassem essa atividade, transformando esses momentos em ocasiões de recreação. Além disso, não seria improvável que essa dinâmica favorecesse a sociabilidade, proporcionando trocas informais e descontraídas entre os participantes. A imagem abaixo ilustra essas questões.



**Imagem 1.** Lavadeiras no rio Paraguai, Corumbá. Anos iniciais do Século XX.



**Fonte:** Álbum Gráfico de Matto Grosso. Hamburgo: Ayalla, 1914.

Ao longo do século XIX e início do século XX, o uso dos rios como espaços de diversões foi amplamente difundido em diversas urbes brasileiras. Em São Paulo, Medeiros (2021) explora as dinâmicas recreativas difundidas nos rios Tietê e Pinheiros, evidenciando como os entretenimentos fluviais refletem as transformações sociais, culturais e urbanísticas na capital paulista. Esses rios, portanto, se tornaram espaços de intensa interação humana, onde esportes aquáticos, pescarias e até mesmo eventos festivos ocorriam com frequência. Dessa forma, os rios se tornam mais do que elementos naturais, mas também marcadores da história social, cultural e urbana das cidades.

Segundo Hasse (2024), práticas como a hidroterapia e o termalismo constituíram importantes formas de divertimento fluvial, especialmente entre as elites brasileiras ao longo do século XIX. De acordo com a autora, a transferência da Corte portuguesa para o Brasil em 1808 impulsionou a popularização dos banhos terapêuticos em fontes naturais, uma prática comum na Europa à época. Cidades que dispunham de “caldas” tornaram-se destinos procurados para tratamentos de saúde fundamentados nas propriedades medicinais de suas

águas. Essas práticas estavam alinhadas aos conhecimentos científicos vigentes e reforçavam a ideia de que o contato com a água promovia benefícios à saúde.

Medeiros (2021) observa que, concomitantemente aos processos de modernização urbana, houve um movimento para regulamentar e controlar as manifestações populares relacionadas ao uso dos rios e dos espaços públicos. Para Moraes (2017), a expansão dos desejos por estruturas e comportamentos urbanos delineia novos contornos nas relações sociais, tanto entre os indivíduos quanto na interação da população com a própria cidade. Sob essa perspectiva, a formação das urbes é, em si, uma expressão do avanço das experiências modernas, bem como de seus ritmos e espaços, o que contribuiu para a construção de novas atitudes, tempos e ambientes.

Em Corumbá, as atividades fluviais de lazer, especialmente os banhos nus, eram objeto de crítica, refletindo os anseios comportamentais e infraestruturais que se esperavam para a cidade e sua população. O porto da cidade, por exemplo, era um espaço de convivência para diversas camadas da sociedade. Ali, trabalhadores que circulavam pelas ruas ou atuavam em embarcações frequentemente interagiam com membros da elite comercial e política. Nesse ambiente, esperava-se a observância de determinados padrões de conduta. Uma das críticas veiculadas na imprensa acerca dos banhos nus oferece detalhes sobre as expectativas em relação a essa prática, especialmente no que diz respeito à região portuária:

Acontece, porém, que certos indivíduos, alheios a todo sentimento de decoro social, servem-se do rio para banhar-se completamente nus, das 4 às 6 horas da tarde, nas praias e a bordo das embarcações, justamente nas horas em que torna-se mais apazível um passeio naquela rua. As famílias que ali residem ficam privadas até de aparecer à janela, para não presenciarem um espetáculo que ofende a moralidade pública, que desmante os nossos foros de cidade que progride, e que representa para quem o pratica o desconhecimento completo das normas de civilidade (CORREIO DO ESTADO. 9 DE JUN. 1909, p.1).

A fonte reforça tensões entre diferentes formas de ocupação do espaço urbano. Enquanto o rio era tradicionalmente um local de lazer para certos

segmentos populares da sociedade corumbaense, setores da elite local passaram a considerar essas práticas de diversão inadequadas à nova ordem urbana e civilizatória. Ao que parece, sob o olhar da imprensa, a região do porto deveria ser um espaço destinado ao flâneur<sup>6</sup>, um ator social observador, atento e explorador da vida urbana, que poderia caminhar sem pressa, absorvendo a natureza, os movimentos e as interações sociais.

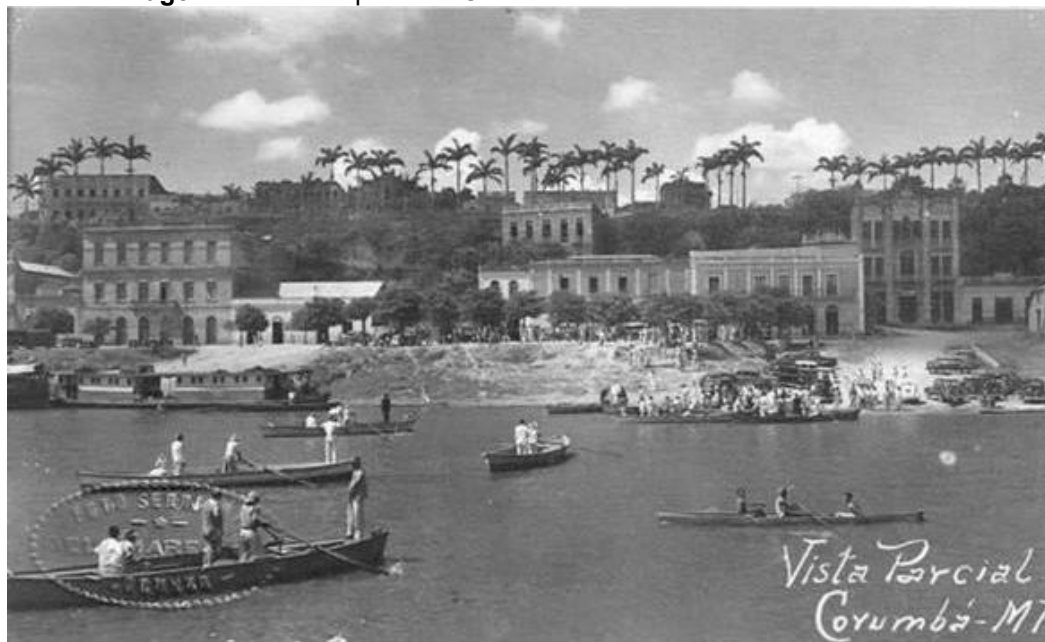
Os reclames ganharam fôlego e ocuparam espaços nas proibições previstas nas posturas municipais vigentes no início do século XX. Não era permitido “lavar-se de dia, nas praias ou portos públicos, sem estar vestido de modo a não offender a moral publica”. Os infratores estavam propensos a pagar multa de 30\$000 réis ou pegar três dias prisão (CORUMBÁ, 1911, Art. 16, Item h). Assim, o banho no rio — prática comum entre os moradores da cidade — foi denunciado por determinados segmentos sociais e pela imprensa, passando a ser alvo de restrições por meio das intervenções da municipalidade.

As atividades fluviais de lazer são indicativos de que Corumbá vivenciava as ambiguidades do progresso, em que as contradições e paradoxos da urbanização se tornavam evidentes à medida que o desenvolvimento da sociedade se delineava (KOSELLECK, 2006). Uma fotografia da vista do porto da cidade nos possibilita perceber mais particularidades sobre os usos sociais das dinâmicas fluviais.

---

<sup>6</sup> O respectivo termo tem o sentido e significado de vivência e experimentação urbana. Conforme aponta Menezes (2009), é com o surgimento dos espaços públicos de diversão que se formula as figuras dispostas a usufruir dessa cena de rua. Assim, o flâneur constitui-se como um ator social e elemento central da urbanização.

**Imagem 2.** Vista do porto de Corumbá. Décadas iniciais do século XX.



**Fonte:** Acervo particular Octaviano Serra.

Percebe-se como o rio e as atividades fluviais figuravam como elementos centrais na dinâmica urbana, com barcos, canoas e pequenas embarcações navegando e atracando às margens do principal logradouro, a Rua do Comércio, no Porto Geral. Nota-se, ainda, os desenhos arquitetônicos marcados por influências neoclássicas e coloniais, contrastando com a natureza, indicando a coexistência e a convivência de desejos cosmopolitas e naturalísticos.

De acordo com Corrêa (1980), o porto configurava-se como o ambiente mais movimentado de Corumbá. Assim, o ato de banhar-se nu nas águas do rio Paraguai, na região portuária, mostrava-se incompatível com a concepção desse espaço como um ponto de encontro de diversos atores sociais, situando-se, portanto, em oposição aos discursos civilizatórios vigentes. No entanto, havia outra prática realizada nas águas do rio Paraguai que recebia diferentes representações: o banho do santo, uma das dinâmicas realizadas em prol dos festejos de São João.

As festividades de São João nas águas do rio Paraguai, segundo Souza (2008), costumavam ocorrer fundamentalmente à meia-noite, na passagem de

23 para 24 de junho, devido à crença de que, nesse momento específico, as águas do rio se tornavam milagrosas. Esse evento, marcado por características fluviais, não possuía uma organização formal institucionalizada pelo poder público, mas mobilizava amplos setores da sociedade.

De acordo com Sena (2015), a dinâmica dessas celebrações em Corumbá tinha um caráter comunitário, no qual diferentes segmentos sociais – desde os populares até militares e comerciantes – participavam ativamente. A presença de devotos de diversas classes sociais sugere que o evento transcendia a mera festividade, assumindo um papel central nas expressões culturais e espirituais da população local. O aspecto religioso tornava o festejo não apenas desejável, mas praticamente indispensável.

Há que se destacar que, além do caráter religioso, a celebração também funcionava como um espaço de sociabilidade. Segundo Gomes e Banducci Júnior (2022), a realização do banho do santo simbolizava tanto a devoção a São João quanto a interação das pessoas com o ambiente fluvial. Ademais, as águas — vistas como purificadoras e miraculosas — reforçavam a crença na renovação espiritual e na proteção divina. Essa dinâmica evidencia, ainda, a ressignificação dos espaços urbanos e naturais na construção das práticas culturais, uma vez que a festividade de São João não apenas reafirmava a religiosidade popular, mas também criava um espaço de interação e pertencimento para os corumbaenses, no qual as diferenças sociais se diluíam temporariamente em um rito coletivo.

Nessa direção, as datas religiosas, notadamente católicas, foram centrais em Corumbá na promoção de atividades de entretenimento. Os festejos em prol de Santo Antonio também tiveram ligação direta na promoção de outra prática fluvial: as regatas.

#### Festividade de S. Antonio

Foram effectuados as solemninadas religiosas, assim como os divertimentos publicos annunciados no programma, tornando-se notaveis a deligencia e dedicacão dos festeiros, que souberam leval-as effeito com a pompa devida. Os espectaculos publicos nas noites de 13 e 14, correram excellentemente e na melhor ordem possivel, merecendo os amadores os appausos do publico. As regatas tambem se effectuaram com toda ordem. (O INICIADOR. 17 DE JUL. 1883, p. 1).

Alguns pontos podem ser prospectados quanto aos motivos que levaram um divertimento físico, como as regatas, a integrar um evento de caráter religioso. Um deles está na relação dos participantes com cargos na Marinha, bem como com atividades políticas e comerciais. Esses indivíduos tinham interesses diretos no comércio de importação e exportação, possuíam embarcações e realizavam investimentos na região portuária. O outro está associado ao fato de que as regatas, especialmente por meio do remo e da canoagem, segundo observa Melo (2021), na capital federal, Rio de Janeiro, despertavam interesse e difundiam visões que associavam ao praticante um conjunto de valores corporais, como determinação, honestidade, caráter e disciplina. Esses elementos, aos poucos, passaram a ser considerados fundamentais para a educação da juventude brasileira. Correspondia, portanto, a dinâmicas opostas às representações atribuídas aos banhos nus.

Em outra data comemorativa, as regatas também compuseram o rol de diversões.

Os moradores resolveram festejar o dia 13 do corrente, aniversário da retomada desta cidade do poder do inimigo. Haverá iluminação e regata na tarde do dia 12 para o que são convidados os que quizeram tomar parte nessa diversão a irem inscreverem-se á casa do Sr. A. J. Mendes Gonçalves, até sábbado as 10 horas da manhã (O INICIADOR. 9 DE JUN. 1881, p.1).

Observa-se, na fonte, elementos para compreender a organização do evento. A programação, que incluía regatas, foi conduzida pelo tenente-coronel do 8º Batalhão de Artilharia, Antônio Jacintho Mendes Gonçalves — um homem vinculado à carreira pública. Destaca-se, ainda, a escolha simbólica da data: 13 de junho, dia em que se celebrava o aniversário da retomada de Corumbá durante a Guerra do Paraguai, conflito travado contra a Tríplice Aliança. Segundo Sena (2015), a comemoração dessa e de outras datas, especialmente as religiosas, como as festividades de Santo Antônio e São João, foi — e ainda é — emblemática na formação da cidade, sendo frequentemente comemorada. De acordo com o autor, tratava-se de uma tentativa de forjar uma tradição para a localidade e, até mesmo, de constituir figuras heroicas vinculadas à história regional. Por fim, a menção à exigência de inscrições sugere que, provavelmente, não se tratava de uma festividade plenamente acessível a todos

os segmentos da população.

Os jornais locais apresentam mais detalhes sobre as regatas promovidas nos festejos de Santo Antônio, oferecendo indícios sobre a organização desse divertimento náutico.

As 3 horas e meia devem começar às corridas, que constarão dos seguintes pareos:

1º Escalares de 12 remos tripulados por imperaes marinheiros – Gertrudes e Cysne. Premio offerecido pelo Sr J. Moreira.

2º Escalares de 4 remos tripolados por imperiaes marinheiros – Garça, Venus e Gaivota. Premio offerecido Sr. Coronel Antonio P. A . de Barros.

3º Escalares de 6 remos tripolados por imperiaes marinheiros – D. Anna e Carolina. Premio offerecido pelo Sr. Manoel D. de Pinho.

4º Escalares de 4 remos tripolados por profissionaes – Marco, Raul e Cotegipe. Premio offerecido. Sr. Antonio Rodrigues Vieira.

5º 2 montarias de 2 remos – Premio 10\$000.

6º 4 canoas tripoladas por índios Cadiuéos – Gratificação pelos festeiros

7º 3 tinas – Gratificação pelos festeiros.

O ponto de partida será a bocca da bahia do Tamengo, e o ponto de chegada á ponta do forte de S. Francisco onde estará collocado a balisa.

Serão juízes de chegada os Ilms. Srs. Capitão da fragata Salustiano C. dos Santos e Capitão-Tenente Moreira Marques, e juízes de sahida os Ilms. Srs. Capitão de fragata Felipe O. Short e Etchebarne (O INICIADOR. 13 DE JUN. 1883, p. 2)

A presença de hora definida evidencia uma organização precisa, comum em competições dessa natureza. Além disso, nota-se que as disputas eram divididas em diferentes categorias, cada uma com especificidades quanto ao número de remos e ao perfil dos tripulantes, o que denota a diversidade das disputas e um planejamento que contemplava distintos níveis de habilidade e tipos de embarcações. A descrição detalhada das premiações, dos pontos de partida e chegada e, sobretudo, da presença de figuras da marinha fiscalizando cada etapa da prova, reforça o caráter formal e burocrático do evento, aproximando-o de elementos característicos da estruturação do esporte moderno (GUTTMANN<sup>7</sup>, 2004; ELIAS; DUNNING, 1992).

---

<sup>7</sup> Sete elementos são fundamentais para a organização do esporte moderno: secularismo, igualdade de oportunidades, especialização, racionalização, organização burocrática, quantificação e a busca pelo recorde. Guttmann (2004), por exemplo, considerava a burocratização essencial para garantir a aplicação universal das regras, facilitando a

A organização do evento estava sob a direção de membros da elite local, que buscavam imprimir à jovem cidade traços de urbanidade e civilidade. Os patrocinadores dos prêmios pertenciam a esse mesmo grupo social, composto por comerciantes, ocupantes de cargos públicos e militares. Entre essas figuras de destaque estavam: Antonio Pedro Alves de Barros, comerciante, coronel, comandante superior da Guarda Nacional da Fronteira do Baixo Paraguai e presidente do Conselho de Revista do alistamento da Guarda Nacional, que também exerceu a função de primeiro juiz de paz entre 1877 e 1880; Manoel Dias Pinho, comerciante; Salustiano Caetano dos Santos, capitão de fragata e inspetor do Arsenal de Marinha de Ladário; Antonio Joaquim Moreira Marques, primeiro-tenente da Armada; e Felipe Orlando Short, capitão de fragata, delegado de polícia e responsável pela Capitania do Porto nos anos de 1880, 1887 e 1889, além de comandante da canhoneira Forte de Coimbra em 1883 (SENA, 2017, p. 323).

Cabe ainda algumas considerações, embora elementares, sobre o 6º páreo, composto por canoas e tripulado por membros supostamente pertencentes à etnia indígena Kadiwéu. Vale notar que se trata do único páreo cuja a embarcação é uma canoa, meio de deslocamento característico dessa etnia, secularmente instalada na região de Mato Grosso. Além disso, destaca-se o enfoque dado pelo relato jornalístico à participação dos Kadiwéu junto ao Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança. Nos resultados da competição, o jornal menciona que a disputa em questão foi vencida por quatro indígenas, o que sugere uma efetiva participação (O INICIADOR. 17 DE JUL. 1883, p. 1-2). Entretanto, serão necessárias novas investigações sobre a participação indígena nos divertimentos públicos, um aspecto que, conforme salienta Dias (2017), ainda é incipiente na historiografia nacional.

As regatas foram um divertimento fluvial que ganhou cotornos institucionalizados em Corumbá. Além de eventos festivos, houve até mesmo a criação de clubes especializados no fomento dessa atividade.

---

estruturação de uma rede de competição do nível local ao internacional, além de assegurar a validação dos recordes.



Por iniciativa de um grupo de distintos moços aqui residentes, acaba-se de fundar-se nesta cidade uma associação que terá por fim o desenvolvimento de todos os sports, e principalmente do *rowing*. Idea alevantada, digna de todos os applausos e da protecção dos nossos co-habitantes, que não devem desconhecer os extraordinarios effeitos moraes e salutares de uma boa educação physica, a sua concretisação impunha-se desde muito como uma necessidade de alcance pratico. O novel club trará a vantagem de proporcionar diversões agradaveis á nossa sociedade, e de chamar a juventude corumbáense para um campo de preparo propicio ás conquistas futuras, formando assim uma mocidade forte, capaz de enfrentar as agruras da vida intensa, com mais probabilidades de exito. Aos dignos socios fundadores, srs. 2º tenentes Wellington Villar, Otto Feio da Silveira, Aristides Dario da Rosa e Newton Braga, José da Silva Jurena, Esdras de Vasconcellos, João Capistrano de Sant'Anna e Milton Barbosa Gonçalves (CORREIO DO ESTADO. 20 DE OUT. 1909, p.2)

O texto jornalístico apresenta elementos que nos permitem compreender cenas da relação entre a prática de exercícios físicos, a juventude e as representações de modernidade e civilidade na sociedade corumbaense. A prática do *rowing* (remo) não apenas se alinhava às características geográficas da cidade, mas também refletia a influência de modelos europeus e da cultura esportiva que ganhavam força no Brasil dos anos finais do século XIX (SEVCENKO, 1998; MELO, 2001).

Por essa perspectiva, a fundação de um clube sugere uma tentativa de institucionalizar os exercícios físicos e esportivos na região, trazendo benefícios não apenas para o lazer, mas também para a formação moral e social da juventude. Observa-se que os sócios fundadores da agremiação possuíam títulos militares, sendo a diretoria inteiramente composta por tenentes. Essa associação entre sujeitos vinculados ao meio militar e a prática esportiva, especialmente o remo, não se dava de maneira fortuita. De acordo com Dias (2017), sobretudo após a proclamação da república, os discursos e ações acerca do fortalecimento físico por meio do esporte passou a ser valorizado como uma ferramenta disciplinar essencial, especialmente para a formação militar. Em vista dessas percepções, a formação militar foi fortemente associada aos discursos do eugenismo, movimento pseudocientífico que pregava o aperfeiçoamento da população por meio da seleção e melhoria das características físicas e morais.

O remo, por exigir vigor físico e trabalho em equipe, era considerado um esporte alinhado a esses ideais eugênicos.

Conforme observado por Melo (2021), emergia no país a ideia de que a prática esportiva, especialmente do remo, era capaz de formar indivíduos mais preparados para os desafios da vida. Assim, era comum, na época, o discurso de que o desenvolvimento físico fosse fundamental para o aprimoramento moral e para a regeneração social da jovem pátria.

Gomes e Capraro (2022), ao discutirem sobre as experiências náuticas em Curitiba, observam que o remo era considerado um esporte nobre e disciplinador, associado às elites urbanas e a valores como esforço, perseverança e competitividade saudável. Tratava-se de um divertimento que seguia os padrões almejados para a conformação dos costumes para as cidades brasileiras. Corumbá, apesar de distante das capitais das regiões Sul e Sudeste, não ficou à margem desses discursos.

A Associação de Regatas de Corumbá atraiu membros, ultrapassando 60 sócios. A agremiação iniciou negociações para a compra de embarcações, seja na capital do Paraguai ou no Rio de Janeiro. No entanto, não foram encontrados indícios de que essas transações tenham sido efetivamente concretizadas (CORREIO DO ESTADO. 27 DE OUT. 1909, p. 3).

Essa iniciativa também despertou o interesse de políticos locais, que chegaram a prometer a doação de um terreno para a construção da sede, evidenciando a relevância atribuída ao projeto. No entanto, não localizamos registros de que essa ação tenha sido cumprida. De todo modo, houve tentativas e discursos foram formulados, nos fornecendo percepções sobre a conformação dessas dinâmicas na cidade.

Nas décadas seguintes, novas experiências fluviais de diversão seriam realizadas, aproximando-se cada vez mais alinhadas às características esportivas. As competições se intensificaram e passaram a ser acompanhadas por um discurso público voltado à valorização do desempenho físico e da exibição corporal, especialmente por meio da cobertura da imprensa, que passou a contar com seções especializadas em esportes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As experiências fluviais de Corumbá entre o final do século XIX e o início do século XX demonstram muito mais do que simples práticas de diversão; elas refletem as transformações sociais, econômicas e culturais pelas quais a cidade passou em seu processo de urbanização. O rio Paraguai, além de ser um eixo comercial e estratégico, era e ainda é fonte vital para a fauna e flora pantaneira e para as suas populações, servindo igualmente como um espaço de sociabilidade no qual diferentes camadas da sociedade interagem por meio de banhos, festividades e competições náuticas.

Essas atividades, contudo, no período investigado não estavam isentas de tensões e debates, uma vez que, à medida que Corumbá se consolidava como um polo mercantil, certos costumes passaram a ser regulados e reinterpretados sob o prisma da moralidade e do progresso.

A análise de jornais da época evidencia como a imprensa desempenhava um papel fundamental na construção de discursos normativos sobre o uso dos espaços públicos. A tentativa de disciplinar comportamentos, como a proibição dos banhos nus no porto da cidade, demonstra a influência de valores urbanos e civilizatórios que procuravam moldar Corumbá à imagem de uma cidade moderna. Paralelamente, festividades religiosas como as de São João e Santo Antônio, ao promoverem práticas recreativas como o banho do santo e as regatas, demonstram a coexistência entre a tradição e os ideais de modernização. As regatas, em particular, assumiram um caráter distintivo ao serem institucionalizadas, atraindo membros das elites locais e fortalecendo a relação entre esporte, disciplina e identidade urbana.

O estudo das diversões fluviais em Corumbá permitiu perceber que a formação das cidades vai além da infraestrutura e da economia, abrangendo também os modos de vida e as representações sociais que orientam o uso dos espaços urbanos e naturais. Ao analisarmos as margens do rio Paraguai como cenário de práticas de lazer, torna-se evidente que os usos da água extrapolam sua função utilitária, revelando significados culturais, disputas e tentativas de normatização dos costumes. As tensões entre os entretenimentos populares e

os discursos civilizatórios do progresso evidenciam como as dinâmicas sociais foram atravessadas por tentativas de controle, mas também por experiências cotidianas de apropriação e ressignificação do ambiente fluvial.

Nesse sentido, compreender as experiências fluviais da cidade não apenas amplia o olhar sobre a história local, mas contribui para o entendimento das transformações urbanas, marcadas por múltiplos interesses sobre os usos da água e por arranjos sociais e políticos específicos. Valerão novas investigações acerca das distintas formas de lazer vinculadas aos ambientes hídricos, em Corumbá e em outras localidades, a fim de apreender continuidades, rupturas e permanências nas relações entre sociedade, natureza e cidade. A ampliação desse escopo permitirá não apenas identificar padrões e singularidades nas práticas recreativas em diferentes contextos, mas também compreender como fatores econômicos, culturais e políticos influenciaram a organização dos espaços de lazer e a sociabilidade das populações.

## REFERÊNCIAS

BÁEZ, Renato. **Corumbá**: memórias e notícias. São Paulo: v. Bicego, 1977.

CORRÊA, Lucia Salsa. **Corumbá**: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

CORRÊA, Valmir Batista; CORRÊA, Lúcia Salsa; ALVES, Gilberto Luiz. **O Casario do Porto e Uma fronteira para o pôr do sol**. Campo Grande: Fundação de cultura de Mato Grosso do Sul, 1985.

CORREIO DO ESTADO. Corumbá. 12 de maio. 1909, p. 1.

CORREIO DO ESTADO. Corumbá. 12 de junho. 1909, p. 1.

CORREIO DO ESTADO. Corumbá. 20 de outubro. 1909, p. 2.

CORREIO DO ESTADO. Corumbá. 27 de outubro. 1909, p. 3.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CORUMBÁ. Resolução N. 107 de 5 de janeiro de 1911. **Código de Posturas Municipais de Corumbá**, 1911.

DIAS, Cleber. A Igreja, o Estado e a bola: história do esporte entre os índios do Brasil Central. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 1, 2012.

DIAS, Cleber. Esportes nos confins da civilização: Mato Grosso, 1920-1930. **Topoi**, v. 18, n. 34, p. 66-90, 2017.

DIAS, Cleber et al. **Depois da Avenida Central**: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Jaguatirica, 2020.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. População Recenseada em 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro: Officina da Estatística, 1898.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Madrid: Fondo de cultura económica, 1992.

GOMES, Leonardo do Couto; CAPRARO, André Mendes. As atividades náuticas em Curitiba (1886-1900). **Revista de História Regional**, v. 27, n. 02, 2022.

GOMES, Leonardo do Couto. **Educando-se para e pelo divertimento**: as experiências das corridas de cavalos em Curitiba (1854-1909). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

GOMES, Leonardo do Couto; MELO, Rogério Zaim; LOPES, Daniel. **As atividades circenses em Corumbá (1880-1904)**. Programa de pós-graduação em Estudos Fronteiriços. 2025.

GOMES, Luciana Scanoni; BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro Banducci. Processo de patrimonialização: experiências com o dossiê do banho de São João de Corumbá e Ladário. In: **Reunião Brasileira de Antropologia**, 33<sup>a</sup>, 2022, Curitiba. Anais. Curitiba: UFPR, 2022. p. 1-18.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record**: The nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 2004.

HASSE, Manuela. A Higiene, a hidroterapia médica e as doenças tropicais. **Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical**, v. 23, n. 1, p. 130-139, 2024.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: ed. UNICAMP, 2003.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro. **Entre esportes, divertimentos e competições**: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade “sportiva”**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Para o bairro, para o subúrbio, para a nação: a experiência náutica do Olaria Atlético Clube (Rio de Janeiro, 1915-1930). **Tempo**, v. 27, n. 3, p. 561-584, 2021.

MENEZES, Marcos Antônio de. O poeta Baudelaire e suas máscaras: boêmio, dândi, flâneur. **Revista fato&versões**, v. 1, n. 1, p. 64-81, 2009.

MORAES, Cláudia Emília Aguiar. **A educação do corpo à beira-mar**: esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

O INICIADOR. Corumbá. 12 de fevereiro, p.3.

O INICIADOR. Corumbá. 9 de junho. 1881, p.1.

O INICIADOR. Corumbá. 2 de abril. 1882, p.2.

O INICIADOR. Corumbá. 13 de junho. 1883, p.2.

O INICIADOR. Corumbá. 17 de julho. 1883, p.1.

O INICIADOR. Corumbá. 17 de julho. 1883. p.1-2.

PEREIRA, Joelson Gonçalves. **O patrimônio ambiental urbano de Corumbá-MS**: identidade e planejamento. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PINTO, Adriana Aparecida. A imprensa em Mato Grosso: subsídios para o ensino da História Regional no século XIX (1880-1890). **Revista História Hoje**, v. 3, n. 6, 2014.

PINTO, Adriana Aparecida. **Imprensa e Ensino**: catálogo de fontes para o estudo da história da educação mato-grossense. Dourados: EdUFGD, 2017.

ROMERO, Enrique Duarte. **Corumbá e seu papel como entreposto comercial de 1870 a 1914 na economia mato-grossense**. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RÜCKERT, Fabiano Quadros; SENA, Divino Marcos de; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. **Corumbá e Ladário**: Capítulos de História Regional. Campo Grande: Editora Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2021.

SENA, Divino Marcos de. A Câmara Municipal de Corumbá e os Festejos Públicos: Período Imperial. **Revista GeoPantanal**, v. 10, n. 19, p. 39-57, 2015.

SENA, Divino Marcos de; NOGUEIRA, Luiz Gabriel de Souza. Matadouro, açougueiros e municipalidade: Disciplina no comércio de “carne verde” em Corumbá (1870-1888). **Tempos Históricos**, v. 19, n. 1, 2015.

SENA, Divino Marcos de. **Entre articulações e conveniências na Câmara Municipal de Corumbá: Relações de poder, laços sociais e atuação política no final do Império**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Dourados, Dourados, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. 3 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, João Carlos de. O progresso contra a natureza: vapor, fios e trilhos em Corumbá (1904/1919). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 23, 2001.

SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Revista Brasileira de História**, v. 24, 2004.

SOUZA, João Carlos de. **Sertão cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918)**. São Paulo: Alameda, 2008.

**Recebido em: 02/06/2025.**

**Aprovado para publicação em 28/10/2025.**